

Lillias Fraser. Fugas. Guerra e Exílio. (De uma menina escocesa na Europa de setecentos)

Lillias Fraser. A Scotland girl in Portugal. Exile, war and banishment

Maria Fernanda de Abreu

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Palavras-chave: literatura, narrativa, *exodus*, guerra, fronteira, exílio.
Keywords: literature, narrative, *exodus*, war, frontier, exile.

1.

Lillias salvou-se da carnificina porque, seis horas antes da batalha, viu o pai morto, como realmente ele haveria de morrer mais tarde. [...]. Arremeteu-lhe contra as pernas e passou pelo meio delas, tão pequena e azulada que isso lhe dava qualidades de animal. A sua camisinha esvoaçava como penugem ao sabor da ventania, enquanto ela corria e se afastava cada vez mais, sem se dar conta de que, em verdade ainda nada sucedera. (Correia, 2001, p. 7)

“Esta nossa menina, Lillias Fraser, começa aqui a sua dança do pavor”, diz-nos a narradora. E vemo-la já, neste *incipit* de romance, que é também um começo de fuga, *arremeter contra, passar pelo meio de, correr e afastar-se cada vez mais*. A roupa *esvoaçando-lhe* ajudava-a a ganhar *qualidade de animal* (Correia, 2001, pp. 7-9).

Parece que estou a parafrasear o texto. Mas não estou. Ou, estando, o que quero é mostrar como, logo na primeira página, se sucedem verbos e palavras que con-correndo e acumulando-se nos dão a ver – e a sentir – a força da vertiginosa fuga da menina. E do seu *medo*. *Medo*, essa outra palavra que, desde agora, e até ao fim há-de estar avassaladoramente presente e motivar tantas das acções – sobretudo, as fugas – das personagens.

Neste princípio, estamos no mês de Abril de 1746, na Escócia, vento norte e frio, e Lillias tem seis anos. “Vemo-la fugir na sua fuga de criança”, são, de novo, palavras da narradora, como estas outras: “dá voltas cegas em redor das árvores, chora em silêncio porque não se atreve a misturar a voz com a floresta. Esquece agora a razão por que fugiu, aleija-se nas pedras, nas raízes, fere-se...”. E, ao mesmo tempo, “a nordeste, para além do lago Ness”, mata-se e morre-se “tão intensamente como é costume de qualquer batalha, mas com inusitada rapidez”.

Hélia Correia publicou este seu romance em 2001. (Como prevendo, no início deste século, o que até hoje o tem brutalmente caracterizado: os *exodus* de tantas outras meninas, os pais mortos, as mães ausentes...)

E recorro que, ao ler este *começo* – 4 páginas, organizadas em 4 fragmentos – eu chegava ao fim do primeiro capítulo e não era capaz de avançar. Ficava suspensa da sua perfeição literária e da realidade que esta ficção me trazia e voltava ao princípio e lia tudo de novo, uma e outra vez. Se se tratasse de um poema, não era necessário mais: tudo em 4 estrofes, tudo do medo, do sofrimento, do susto, das provações do êxodo desta menina, causado pela guerra. Em 1746, na Escócia. Como hoje, em tantas outras terras.

Mas Hélia Correia, também poeta, escolheu, esta vez, escrever um romance. Um romance que lhe deu a ela e a nós, seus leitores, espaço e tempo para contar muito mais, “toda uma história de exilada”, como quase lá para o fim lhe chamará a narradora. Precisamente, a narradora que cria, também para si, um espaço próprio na configuração da história e na construção tanto da realidade ficcional como da eficácia comunicativa. Como se verá logo na abertura do II capítulo.

Ao longo de séculos e séculos, a literatura tem representado histórias de des-terros. *Exodus* de todo o tipo, é bem possível que tão antigos como a história da humanidade, contos, é bem possível que tão antigos como a história da palavra escrita. Muitos, a maior parte deles, para fugir à fome, às guerras, às ditaduras. Ou a um terramoto. Desde aqueles tempos tão antigos até hoje. Claudio Guillén, no seu livro *El Sol de los desterrados: literatura y exilio* (1995) começa em Diógenes, em tempos de Alexandre Magno, em Corinto, e acaba com os desterrados em tempos de Franco, na Península Ibérica. De Atenas a Madrid, passando pela China, conta-nos ele e comenta inúmeros exílios. Se é certa a notícia, “el primer libro o tratado en Occidente consagrado al tema del exilio, del que tengamos noticia, fue obra de Arístipo de Cirene”, fundador da Escola cirenaica, nascido cerca de 425 e falecido em 355 a. C., que terá escrito o diálogo “A los exiliados” e a quem foi atribuído o tratado *Fiugadás* (Guillén, 1995, p. 18) Note-se que Hélia Correia, a helenista apaixonada pela Grécia, não usa nunca a palavras “exodus”, preferindo, claramente, a de raiz grega, “fugas”.

Hoje, como bem sabemos, abundante é a bibliografia sobre a representação literária dos exílios noutros tempos e geografias. Edward W. Said (*Refleçons on exile and Other Essays*, 2002, que sempre destaco), leva-nos da Palestina aos Estados Unidos da América. E eu faço questão de lembrar outras Américas – as do Centro e as do Sul – e os seus nativos, do norte ao sul: se não mortos, expulsos ou confinados. Também a Europa Central, da Alemanha à Rússia e a África, do cone sul, ao Mediterrâneo. Em todos os casos, migrações forçadas, des-terros ou en-terros brutais. Fugas e exílios sem conta. Ontem e hoje.

2. Hélia Correia escolheu a histórica batalha de Culloden, na qual clãs escoces lutaram pela independência do território contra os ingleses, a 16 de Abril de 1746, para nos contar “uma história de exilada”, a de Lillias Fraser. Mas não será só a de Lillias. Com ela se cruzam outras gentes, noutras terras, tantas fugas, à sua semelhantes ou diversas. A presença do verbo *fugir*, em múltiplas formas, em solitário ou em colectivo, atravessa todo o texto e multiplica-se, como ave de rapina. Agoirenta ou predadora. E não só saída daquela “carnificina”. Outros “acontecimentos” provocarão outras fugas. E o menor deles não será o terramoto de Lisboa que, a 1 de novembro de 1755, ex-pulsa Lillias do abrigo que, finalmente, encontrara.

Datas bem históricas, “factos” uma e outra vez narrados e descritos por cronistas e historiadores sustentam, pois, este romance. E algumas personagens, desde Charles Stuart, o Bonnie Charlie, até ao Duque de Cumberland, “o carneiro da Escócia”, são também “históricas”. O próprio apelido de Lillias é saído de um dos clãs que lutaram na batalha, o dos Fraser.

Também o são, quero dizer “históricos”, os desterrados de tantas mulheres e homens, crianças ou velhas, reis ou mendigos. Não precisa, pois, o romancista de “inventar” datas, batalhas ou terramotos para nos contar desse “estranhamento” e “desgarro” que o desterro comporta... Como dizem Said, Guillén, e tantos outros, homens e mulheres. E, todavia, não tenho dúvidas de que essa menina – Lillias Fraser – que vemos sair da Escócia e seguiremos até ao sul de Portugal, durante cerca de 20 anos, foi gerada pela “imaginação” de uma romancista que, palavra a palavra e canto a canto, a espalhou entre nós.

A representação literária do exílio é, como já disse, vastíssima. Melhor será mesmo dizer já que o exílio ganhou estatuto de tema literário desde tempos tão longínquos como, pelo menos, segundo Guillén, os de Ovídio. E, ao longo dos séculos tem-se consolidado um cânone, com elementos bem fixos. Mesmo se admitirmos, sempre com Guillén, uma tipologia que distingue claramente um modelo ovidiano (a tristeza do desterro) de um modelo plutarquiano (o sol do desterro), há elementos inevitáveis na escrita do exílio, a saber: as condições adversas da viagem (do exodus), materiais e psicológicas; a comparação da paisagem e do clima da terra de exílio com a terra natal; a diferença na língua; a diferença de sabores, cheiros, costumes das gentes; enfim, elementos identitários essenciais, mesmo considerando a “identidade” como uma invenção ou constructo. São as “tristezas do exílio” (de Ovidio), a “cruel sorte” (dos românticos ibéricos) ou, para me limitar a inesquecíveis escritas do exílio na literatura em Portugal, as “saudades” de Garrett, as tristezas do desterro de Herculano, e o seu lamento, e até esse vento de Manuel Alegre que nada diz das notícias do seu país ... E, tantas vezes, no regresso, quando há regresso, a desilusão e o destempo... Está tudo neste livro. (Menos o regresso, que Lillias não regressa). Tudo rigorosamente contado.

Mas não cabe aqui falar desse tudo, que é muito. Por isso, escolhi falar de elementos matriciais desta história de desterro e exílio.

3. Que casas? Que mães? Que caminhos e gentes? Tinha eu começado por perguntar-me. Agora, volto ao *incipit* do romance e observo que a disposição destes elementos é, aqui, precisamente, inversa. Na fuga da criança, o que primeiro vê a Narradora e quer que vejamos com ela (“vemo-la fugir na sua fuga de criança”,

diz) são o vento norte, as árvores da floresta, os caminhos, o chão que “parece” ter-se fartado dela, os elementos que a ferem. Pouco depois, aparece no caminho, “a gente”, no caso, uma mulher, uma velha, a cuja saia imediatamente Lillias se agarra (como a uma mãe), que a leva para sua casa, dá-lhe uma chaminé e de comer, esconde-a da guerra, que ainda está perto, onde os ingleses massacram os escoceses, entre eles o pai, os irmãos e a mãe de Lillias; entretanto, a pequena, diz a narradora, “não sabe como vai fazer para regressar a casa”, já “ficou presa pela ignorância do caminho” (Correia, 2001, pp. 9-11).

O capítulo seguinte abre com a inscrição veemente da figura da Narradora, hoje, aqui e agora, em singular: “Estive no campo da batalha de Culloden em 1999, a meio de Abril, um dia após as comemorações...” (Correia, 2001, p. 13).

“É facto que o desastre de Culloden determinou a exportação em massa dos escoceses para o novo mundo”. E são os descendentes destes “exportados” que ela encontra nas comemorações.

Está hoje, aqui e agora, para nos contar, num muito pessoal modo historiográfico: dos “factos” da batalha e dos seus protagonistas; da sua violência; do vencido Charles Stuart, ele e todos os demais vencidos se não mortos, também obrigados a fugir; e dos vencedores, com “Cumberland” à cabeça das atrocidades.

Pouco depois, ainda no mesmo capítulo, como se fosse hoje, já estamos de novo na casa que, naquele outro Abril de 1746, Lillias tinha encontrado. Mas chegam os vencedores e Lillias perde a casa de umas horas apenas, destruída e queimada por aqueles. Corre a enroscar-se no colo da velha (“O mundo da menina só dispunha, naquele instante, da mulher como seu centro”) e adormece nele. Só ao acordar no dia seguinte, percebeu que tinha dormido abraçada a um cadáver. Ainda mal começou o seu êxodo e já perdeu duas casas e duas mães. Imagina a mãe Fraser aparecer-lhe à porta, rir-se e estender-lhe os braços. E a narradora, a mesma que, da visita ao lugar da batalla, em 1999, poucas páginas antes, já está, de novo, agora com a menina, vendo-a na sua fuga, conta-nos:

Lillias correu na sua direcção. Porém, a casa, a mãe e tudo em volta, iam fugindo para trás, voavam rente ao chão nevado da floresta e Lillias nunca mais os alcançava. (Correia, 2001, p. 27)

Estamos apenas na página 27 de um romance que se escreve por mais quase 300 páginas. Não poderei, pois, continuar a dizer-Vos com esta minúcia o que nele se diz das fugas da menina. Mas, com esta minúcia o li e nele busquei – e encontrei – os elementos dessas fugas e a sua ordenação em texto. Escolhi alguns desses que, espero bem, não sairão nunca da minha memória leitora e que fazem deste livro um dos mais amplos e belos na escrita do exílio em português.

Começo, pois, por repetir:

Lillias correu na sua direcção. Porém, a casa, a mãe e tudo em volta, iam fugindo para trás, voavam rente ao chão nevado da floresta e Lillias nunca mais os alcançava.

Não recuperará nunca essa casa, já queimada, nem essa mãe, ambas mortas, a casa e a mãe. Nem voltará a alcançar esse “tudo em volta” da paisagem da sua terra, os ventos, as chuvas e o cheiro da trufa. Levada por outros fugitivos que, sucessivamente, a acolhem. Ainda em terras britânicas, depois de perder a terra,

a mãe e a casa, Lillias passará por outras casas, outras mães, outras terras. Sempre passageiras e mais ou menos hostis. “Tão abandonada de um colo humano” (diz a narradora, p. 51). Exilado também o corpo: aos oito anos, estava já “tão surdo e protegido que deixou de buscar nas mulheres o cheiro da mãe”.

Como é próprio das fugas, Lillias será obrigada a esconder (e mascarar) aqueles elementos identitários essenciais, “A sua identidade de escocesa” (Correia, 2001, p. 64). Esconder as origens, esconder o nome e mudá-lo, esconder a língua. Perder mesmo a fala, “para passar por inglesa”.

3. Como “criança vendida”, dada como órfã e criada de casa de outra escocesa, com quem viaja, chega a Lisboa em 1751, depois de uma viagem por mar que “temeu terrivelmente” (Correia, 2001, p. 71). O cap. anterior é o VIII. Mas a este a autora não o numera como o nono mas sim, de novo, cap. I, o que nos obriga a pensar que este é um novo começo – da história e de Lillias, talvez – agora em Portugal.

Ainda antes de desembarcar, já a ameaça da repressão chega ao barco. Porque “só poderiam, disse o capitão, dar por finda a viagem de manhã, após visita das autoridades. Viriam funcionários da alfândega. E o delegado da Inquisição” (Correia, 2001, p. 74). E recomeçam os gestos do desterrado, que implacavelmente se hão-de repetir: aqui, o primeiro é “esconder” (esconder as Bíblias: porque o texto está em inglês e não em latim. ..). Recolhida por gente que recebeu dinheiro para lhe dar “um lar”, mas a não quer, Lillias será “expulsa para os fundos, para a cozinha” e é mal alimentada. Tendo vivido, diz-nos a narradora, “em privação de um corpo de mulher que a embalasse, necessitava anormalmente” dele, Lillias buscará essa mãe em sucessivas mulheres, seja a freira do convento inglês onde é recolhida em Lisboa que a não tratou como criada, seja a mulher que ela arrasta ao fugir do terremoto até outro convento, o de Mafra. Caminhos que não terminam, a fome, a sede, fugitivos e “gente deslocada” com quem se cruza, também eles “empurrados para a frente”, “pela força bruta do pavor” e “o instinto de sobrevivência” e que se juntavam para não se perder (Correia, 2001, p. 102), à procura de comida e de água. De facto, ao chegar ao convento de Mafra, Lillias, a sem-tecto, “ansiava tanto por um tecto” e pensou que “uma casa tão grande como aquela abrigaria todos os fugitivos de Lisboa” Correia, 2001, p. 111). Mas não foi assim:

Ninguém queria voltar para o Convento que pouco ou nenhum mal sofrera. Já em Lisboa, a muito ferida, toda a gente regressava ao que fora a sua casa, ainda em Mafra frades e criados continuavam a dormir nas tendas, sem que a menor razão lhes assistisse. Talvez que não reconhecessem nele um lar. (Correia, 2001, p. 115)

É assim, para quase todos os fugitivos. Casas que não são casas e figuras maternas que não bastam para compensar da falta de uma mãe, com quem sonha uma e outra vez, como sonhará com o frio e os cheiros da sua terra. Como de Lillias nos diz a narradora, mesmo quando um corpo de mulher, “com o seu cheiro e a sua gordura maternal”, possa confortar.

E sempre a casa. Uma das mais belas passagens do livro, e são tantas, é a que nos conta do regresso daquela mulher, Cilícia, a Lisboa depois do refugio em Mafra (Correia, 2001, pp. 136-145). Começa com estas palavras: “A senhora

Cilícia achou o sítio e a matéria da casa, não a casa”. Numa praceta, “acharam finalmente uma das casas, ainda sustentada nas paredes”. E é que Cilícia “tinha mais fome de uma casa do que de pão” (Correia, 2001, p. 142). A casa, sempre, não só na vida mas também na morte: “Cilícia comentou, ao persignar-se que, à falta de um enterro em chão sagrado, melhor não poderia suceder do que ficar em sua própria casa”. E, note-se, são fugas diferentes, a da guerra e a do terramoto: esta permite o regresso à terra, se não à casa; aquela, não.

Até ao penúltimo capítulo do romance, na sua última aparição, anos depois, Lillias não deixará de andar de terra em terra, de casa em casa, de gente em gente, de mãe em mãe, deslocada sempre, uma deslocada sem verdadeiro *locus* já que este ficou nas terras da Escócia, a que nunca voltará, e no embalo do colo da mãe da sua infância, que lhe vem à memória.

E, nós, leitores, devemos prestar boa atenção a este final, que nos traz duas questões estremecedoras:

1. Lillias espera uma criança e a mulher que agora a acompanha vai-lhe dizendo que “a fuga não acaba aqui”, em Lisboa, porque “Essa criança há-de nascer na terra de ninguém, num espaço entre fronteiras que não seja nem Portugal nem Espanha” (Correia, 2001, p. 281).
2. O último capítulo, tão só meia página e a palavra “FIM” (Correia, 2001, p. 283), conta-nos da tentativa do Duque de Cumberland de casar com a filha, herdeira, do rei de Portugal. E o romance termina com a frase-parágrafo: “Foi por um triz que o Carniceiro da Escócia não se sentou no trono português”.

Que nos quer dizer também, aqui, a escritora Hélia Correia? Que um mundo sem fronteiras, sem nações, sem chefes carniceros seria um mundo sem fugas, fomes, medos? Com terra e casa e mãe. Talvez...

Que assim seja.

Referências bibliográficas

- Correia, H. (2001). *Lillias Fraser*. Lisboa: Relógio d'Água.
 Guillén, C. (1995). *El Sol de los desterrados: literatura y exilio*. Barcelona: Sirmio, Cuaderns Crema.
 Said, E. W. (2002). *Refleçons on exile and Other Essays*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Resumo

De Escócia (1746) a Portugal (1751), vemos a pequena Lillias Fraser “fugir na sua fuga de criança”. Fugir da guerra e da morte. A casa queimada e a ausência do cheiro da mãe. Desde o campo da batalha de Culloden e os saudosos céus cinzentos do norte até Lisboa, nas vésperas do terramoto. E, depois, até Almeida, no meio do cerco castelhano. Na fronteira. Regressar a Lisboa e cruzar o Tejo, agora para o sul, “De que iriam viver? Onde morar? Quem as consentiria na fronteira?”. Fugir de, deixar, partir, desertar, desterrar-se, peregrinar, procurar “outra nação”, chegar a, avançar em direcção a, encaminhar-se para, morar em. Por fim, querer que a sua criança nasça “na terra de ninguém, num espaço entre fronteiras ...”. *Toda uma história de exilada*, escrita por Hélia Correia, ficção em português, 2001. Que casas? Que mães? Que caminhos e gentes?

Abstract

From Scotland (1746) to Portugal, we see the small Lillias Fraser “escape in her child’s escape”. Escape from war and death. Her house burnt and the absence of her mother’s smell. From Culloden battlefield and her northern grey skies to Lisbon, just before the earthquake. Then, to Almeida, in the middle of the Castilian siege. On the Frontier. Return to Lisbon and cross the Tagus, now towards the South. “How would they survive? Where to stay? Who would accept them at the Frontier?”. Run from, escape, leave, go out her land, deportation, banishment, dislocated, seek “another nation”, arrive at, go to, live at. Finally, to want her child to be born in “no one’s land, on a space between frontiers...” A story of an exiled child, written by Hélia Correia. Portuguese Fiction, 2001. What homes? What mothers? What routes and peoples?